

A IMPORTANCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA VIDA ESCOLAR DO ALUNO

¹ CARVALHO. Silvânia Barreto de.

samucaecarolina@hotmail.com

Professor. Fernandes

RESUMO: A presente pesquisa trata-se da importância da participação da família na vida escolar do aluno, tendo em vista que a leitura e escrita é forma de inserir o aluno na sociedade, dotado de habilidades e competências. A leitura e escrita não podem ser vistas como simples destreza mecânica é necessária, que seja relacionada com os mais importantes aspectos de vida pessoal e social do aluno. Isso porque o conhecimento se dá a partir do uso da linguagem que é um dos fundamentos que assegura o exercício da cidadania. Nesse sentido, a escola e a família devem dar a maior importância para a leitura e escrita, mas para que isto ocorra é necessário o planejamento da ação pedagógica através de atividades sistemáticas, e o empenho da família na parte que lhe cabe. O empobrecimento gradativo das possibilidades de leitura dos professores e alunos da escola pública é, antes de tudo, o empobrecimento do próprio sistema educacional. Esta constatação é ainda mais séria quando se analisa que toda a busca da produção do conhecimento é dada através de textos oralizados. Além disso, a leitura deve oportunizar o pleno exercício da reflexão e da descentralização para a efetivação de uma educação de qualidade.

Palavras-chave: Escola. Família. Aprendizagem. Leitura. Escrita.

SUMMARY: This research it is the importance of family participation in school life of the student, with a view to highlight the reading and writing as a way to put the student in society, endowed with abilities and skills. Reading and writing can not be seen as mere mechanical dexterity is required, which is related to the most important aspects of personal and social life of the student. This is because knowledge occurs from the use of language which is one of the foundations that ensure the exercise of citizenship. In this sense, the school and the family should give more importance to reading and writing, but for this to occur it is necessary to plan the pedagogical action through systematic activities, and family commitment to the part it deserves. The gradual impoverishment of reading possibilities of teachers and public school students is, first of all, the impoverishment of the educational system itself. This finding is even more serious when considering that all search of knowledge production is given through oralized texts. In addition, the reading should provide the opportunity for full exercise of reflection and decentralization for the realization of quality education.

Keywords: School. Family. Aprendizagem. Leitura. Escrita.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre a participação da família no processo de leitura e da escrita, considerando a leitura uma ferramenta essencial no processo de aprendizagem buscou-se através de diversos textos, um apoio teórico para esta proposta de trabalho. O estímulo à leitura, bem como sua compreensão, e não apenas decodificação, é visto como uma saída ou um meio de transformação social.

Ao ler, o indivíduo estabelece uma ponte para a tomada de consciência, onde compreende e interpreta a expressão escrita, passando, desta forma, a compreender-se no mundo.

Graduada em Biologia pela Universidade ESTADUAL Vale do Acaraú- UVA

Pós-Graduada em Educação Infantil e em Gestão Escolar pela Faculdade de Juazeiro do Norte- (FJN)

Mestranda em Ciências da Educação Pela ANNE SULIVAN.

Sabe-se então, que ler e escrever são atividades extremamente complexa e envolve vários fatores. Quem não lê se torna vazio e desnutrido intelectualmente e não tem ideias e criatividade para imaginação. A leitura tem um valor muito grande, além do valor técnico é uma fonte de prazer, de realização e é domínio da língua.

A incapacidade de ler e escrever nas situações sociais numa sociedade em que tal capacidade é cada vez mais exigida, além de limitar o acesso a informações, privando a pessoa da aquisição de novos conhecimentos, tira da mesma o direito de participar de forma ativa e autônoma da vida social já que acultura escrita se faz presente nos diversos meios em que vive.

Compreende-se o domínio da leitura e escrita como elemento essencial no processo escolar, cujo desenvolvimento serve de base para a obtenção de novos saberes. Assim, os problemas enfrentados no processo de leitura e compreensão de textos são comprovados pela falta de hábito de leitura, e como consequência da dificuldade de entendimento dos mesmos. A pouca contribuição da escola, a falta de habilidade do professor e a questão do “trabalho mecânico” são fatores preponderantes na dificuldade da aquisição do hábito e leitura.

É importante que se destaque a importância da interpretação de textos como agentes de transformação de jovens leitores e até mesmo da própria sociedade.

Ler e compreender são uma forma de satisfazer muitas necessidades, ampliando e enriquecendo experiências através da riqueza de vocabulários da mudança de pontos de vista e da aquisição de novos valores.

Atualmente se faz necessário, homens reflexivos, criadores e, acima de tudo, críticos de todo o contexto da sociedade. Julga-se, então, que a escola, através da prática de leitura, da interpretação e da aplicação das regras gramaticais bem trabalhadas, possa contribuir de maneira efetiva para a formação de cidadãos como agentes de sua própria história. Ela não desenvolve em seu interior mecanismos que levem o educando a gostar de ler. O próprio professor ler pouco, não conseguindo, assim, passar ao seu aluno o gosto pela leitura.

No entanto, a escola não consegue desenvolver no aluno o hábito da leitura enquanto apropriação do saber e entendimento da realidade circundante. É comum entre educadores, atribuir o insucesso dos alunos ao não acompanhamento dos pais. Não se pode negar que a participação da família é importante para a aprendizagem da criança. Porém, não se pode esquecer que a aprendizagem escolar é responsabilidade da escola, principalmente quando estas crianças vêm de lares sem uma organização e de pais não leitores. Nesse caso a escola precisa se responsabilizar por oferecer a essas crianças a oportunidade de conhecerem

diversos gêneros e diversas formas de linguagens ao mesmo tempo em que aprendem, caso contrário, haverá uma transferência de responsabilidade que penalizará o aluno, privando-o ainda mais da liberdade que envolve o “saber”.

Espera-se com este trabalho contribuir para o aprimoramento de professores e alunos no campo da leitura, dentro e fora da escola, a fim de que possam ver a leitura com bons olhos, cientes de sua importância política, social e pessoal.

2 CONCEITO DE LEITURA

Souza (1997) afirma que,

(...) leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade (SOUZA, 1997, p. 20).

A atividade da leitura é um complemento da atividade da produção escrita. Uma atividade de interação entre sujeitos que buscam muito mais do que simples decodificação dos sinais gráficos. O leitor, como um dos sujeitos da interação, atua ativamente, buscando recuperar, interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidas pelo autor.

Nessa busca de interpretação, os elementos gráficos funcionam como verdadeiras “instruções” do autor que não podem ser ignoradas, para que o leitor descubra a significação, elabore novas ideias e chegue as suas conclusões. Todo esforço para entender o que está escrito só se justifica se houver de fato a compreensão global do ato comunicativo no qual o texto é suporte.

A leitura como avaliação é outro tipo de prática que inibe, ao invés de promover, a informação dos leitores. Nas primeiras séries caracteriza-se essa prática por tal preocupação de aferimento da capacidade da leitura que a aula se reduz quase que exclusivamente à leitura em voz alta. A prática é justificada porque permitiria ao professor perceber se o aluno está entendendo ou não, apesar de sabermos que não é fácil perder o fio da história quando estamos prestando atenção à forma, à pronúncia, à pontuação, aspectos que devem ser entendidos quando estamos lendo em voz alta.

Para o autor o ensino da leitura é fundamental para dar a solução a problemas relacionados ao pouco aproveitamento escolar, ou seja, o fracasso da formação de leitores. Podemos atribuir o fracasso geral do aluno no primeiro e segundo graus; nesse período, a leitura é usada como forma de avaliação que, ao invés de promover a formação de leitores,

inibe o aluno no seu desenvolvimento. Geralmente as aulas se reduzem só ao hábito de leitura em voz alta. Com esta prática o professor identifica se o aluno está entendendo o que está se passando para ele, onde sabemos também que o aluno está sendo avaliada na pronúncia, forma de pontuação, dentre outros. A leitura é um conjunto e ela deve atender tanto a pronúncia quanto ao sentido. O aluno deve observar esses pontos no ato da leitura sem perder o sentido.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra. Daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE 1998, p.11).

A concepção de leitura se organiza para cada leitor à medida que este vive sua própria história; formula seu caminho na busca da construção do conhecimento advindo da leitura. Isso mostra que a leitura vai operar justamente no universo social do aprendiz. Ler é sempre uma descoberta, é também uma busca do conhecimento. Outras vezes é um trabalho paciente e penoso, uma busca de outros mundos.

Sendo assim, o leitor pode ter diferentes atitudes diante das diferentes leituras. É uma atividade altamente pessoal e ninguém a realiza igualmente. Cada processo é diferente e ninguém descobre da mesma forma. É uma atividade interna de assimilação existente no conhecimento prévio de cada leitor.

A dificuldade para inserir os alunos no mundo da leitura remete a um longo período em que a leitura foi mera decodificação de sinais gráficos, ou feita somente de forma horizontal, enciclopédica. Hoje, no entanto, há a necessidade de se saber interpretar nos textos a mensagem do escritor nas suas formas explícita e implícita. Isso é um dos meios eficazes do desenvolvimento ordenado da linguagem e da personalidade.

Muito se discute sobre a importância da leitura. Muitos são os fracassos dos alunos brasileiros em testes de leitura, além de apresentarem com frequência, resultados extremamente negativos em testes como o Pisa, o Enem e outros.

Mas, afinal, o que é ler? Por que muitos têm tantas dificuldades em ler um texto? Existe alguma “fórmula mágica” para fazer com que o nível de assimilação das ideias de um texto possa ser percebido pelos estudantes e/ou leitores de um modo geral? Com certeza, uma das grandes preocupações de muitos professores e educadores está voltada para a prática de leitura, aliás, para a falta dela.

Frases como “Não gosto de ler”, “Não consigo entender o que leio”, “Quando começo a ler sinto sono e paro” são comuns principalmente no meio estudantil.

Por que o trabalho com a Língua Portuguesa tem sido tão questionado, principalmente quando se têm dados que apontam o Brasil como estando em último lugar em capacidade de leitura entre 32 países avaliados em 2000 e em 37º entre 41 países em 2006, de acordo com o Pisa?

O que estamos fazendo com os nossos alunos ao longo de 11 e 14 anos nas aulas de Língua Portuguesa? Será que fazemos com que os alunos tenham uma possibilidade de refletir sobre a linguagem? Esse seria um dos objetivos, mas conseguimos? Precisamos reavaliar os nossos objetivos ao trabalhar com a linguagem.

Adianta passarmos anos e anos enchendo nossos alunos somente de regras gramaticais, e, ao final do Ensino Médio, eles não conseguirem refletir sobre o funcionamento da língua? Ou seja, será que a escola passa a ensinar, também, esse aluno a pensar?

E como fazemos isso, ou seja, fazê-lo pensar? Com certeza, através da leitura. É necessário que seja feito um trabalho de base. Precisamos levar o aluno a ler, para dominar os recursos linguísticos e, conseqüentemente, dominar o mundo. Porém, quando falamos ler, estamos nos referindo a conseguir perceber não só o que está de “concreto” no texto, mas também o que está de “abstrato” nele.

O que é leitura? É o processo pelo qual um sujeito leitor atribui significado a um determinado texto. A leitura não pode ser vista apenas como uma atividade de decodificação dos códigos linguísticos. É preciso ir muito além, é preciso entender o que se lê.

A concepção de que, no processo de leitura, o elemento mais importante era o texto, ou o autor, mudou. Estudiosos da língua veem, hoje, o leitor como elemento principal nesse processo. Ler é interação, ação entre o texto e o leitor. Na verdade, o sentido do texto não está no texto propriamente dito, mas sim, no leitor.

“Todo texto quer que alguém ajude a funcionar”, ou seja, o texto sem o leitor não funciona. É o leitor quem dá voz ao texto, atribui-lhe significado. Sem a participação dele, o texto fica lá, estático, parado, não diz nada por si só. A leitura é um verdadeiro jogo equilibrado no qual se mesclam a informação do texto e a informação do leitor.

Pode-se perguntar: como o leitor participa deste jogo? Através de seu conhecimento prévio. Sem o conhecimento do pré-texto, da leitura de mundo, o leitor não atinge a plenitude do texto. Assim, podemos dizer que, quanto maior a “história da leitura” do leitor, maior sua capacidade de atribuir significados ao texto.

Diante das evidências, há uma preocupação por parte dos educadores, principalmente, nas escolas do ensino fundamental, em incentivar a criança a ler. Devendo a sala de aula ser

um berço de futuros escritores, artistas, se os educadores fizerem da literatura infantil e da leitura de outros textos um momento de lazer, onde o aluno sinta prazer em ler uma história, e não a veja como uma tarefa escolar a cumprir. Nas escolas, deve-se haver um cantinho especial para a leitura, e as crianças devem ter muitas oportunidades de folhear os livros, e lê-los individualmente e em grupos; as histórias lidas por alguns devem ser socializadas com os demais, e este é um trabalho que deve ser organizado pelo docente. “A leitura, como prática social, é sempre um meio, nunca um fim”. (PCN, Língua Portuguesa, v.2, p.57).

Para que a criança aprenda com os textos a gostar de ler, é preciso também que o educador goste de ler e transforme sua sala de aula em um ambiente alfabetizador. Trabalhando as diversidades de textos, como: rótulos, parlendas, músicas, receitas, jornais e outros, permitindo que a criança compreenda as diferenças de interpretação, do significado de cada escrito, que muda conforme o gênero textual. Escola tem por obrigação proporcionar a seus alunos acesso ao conhecimento e a leitura, que apresenta sem dúvida algum lugar de grande destaque. A oportunidade de ler, ou seja, a disponibilidade de livros representa um papel decisivo no despertar do interesse pela leitura.

3 PROCESSOS DE LEITURA E DE ESCRITA NAS DIFERENTES ÁREAS DO CONHECIMENTO

As diversas opções de materiais didáticos que têm os professores hoje se destacam na condição da aprendizagem na escola. A partir desta percepção, João Bosco de Carvalho, discute em seu texto, “Outros impressos e materiais didáticos”, a pluralidade de recursos na escola, ressaltando, ainda, o chamado letramento digital. João Bosco afirma que tal diversidade requer desses profissionais um trabalho bem articulado envolvendo seleção, adequação, planejamento e avaliação para, enfim, usar os materiais didáticos na sua prática pedagógica. É tarefa do professor, portanto, saber a função e o objetivo do uso de determinado material e, do mesmo modo, saber assinalar a contribuição do recurso do processo de ensino e aprendizagem, o que implica conhecê-lo bem. Tais opções constituem prática de letramento que se devem integrar ao cotidiano escolar, permitindo ao aluno o acesso e uso de diferentes gêneros.

Na ideia de que o espaço virtual é hoje, um fenômeno cultural que não se pode ignorar, principalmente, na escola, a autora discute como essa mudança contemporânea, que se funda nos movimentos do real em direção ao virtual, deve ser tratada, categorizando-a

como uma mudança de não oposição à realidade, mas de atualização em direção ao real. Assim, as práticas que envolvem novas tecnologias, aqui tratadas em uma perspectiva de letramento digital, devem ser essencialmente dialógicas, abrindo-se novas formas de criação e diversos sistemas de registro. Esse novo modelo da relação sujeito e mundo é o tema desenvolvido pela autora que defende, entre outros argumentos, a ideia de que uma sociedade mais justa e igualitária deve contemplar o letramento digital como uma meta a ser perseguida, e a de que a escola deve ter um papel essencial nesse processo, possibilitando assim, uma reflexão crítica por parte dos alunos sobre as mídias.

4 LEITURA E ESCRITA: NOVAS DESCOBERTAS

Para se realizado um trabalho voltado para a construção dos conhecimentos acerca dos processos de leitura e de escrita do ensino e aprendizagem, é preciso compreender os verdadeiros papéis da escola, do professor e do aluno. Segundo afirmou Solé, 1998, p.41, a questão dos objetivos que o leitor se propõe a alcançar com a leitura é crucial porque determina tanto as estratégias responsáveis pela compreensão quanto o controle que, de forma inconsciente, vai exercendo sobre ela à medida que lê. Existem estratégias que acontecem antes, durante e depois da leitura. O conhecimento dessas permite que o ensino seja planejado tendo em vista o que o educando já sabe o que ele ainda não sabe o que ele precisa aprender e quais as intervenções necessárias que precisam ser realizadas. Vale ressaltar, como afirmou Solé, que fazemos previsões sobre qualquer tipo de texto e sobre qualquer um dos seus componentes e que para realizá-las nos baseamos na informação proporcionada pelo texto.

O processo de escrever é, desde o início, buscar exprimir e / ou fazer com que um destinatário real compreenda produzindo o escrito que somos capazes de elaborar num dado momento, sozinhos ou com a ajuda dos demais. A escrita é antes de tudo, um processo interno. Inicialmente, acontece à compreensão, a internalização, a construção dos conhecimentos para posteriormente, estes serem grafados no papel. O que chamamos de escrita? Quais as nossas concepções acerca dos processos de leitura e escrita e suas inter-relações?

Segundo Kato,

(..) a prática de grande número de escolas de privilegiar as atividades de escrita parece fazer supor a recepção. Em outras palavras, se o professor ensinar o aluno a escrever, o aluno aprenderá automaticamente a ler. (KATO, 1.999, p. 7).

Essa crença é revelada através de ações cotidianas da escola, há uma excessiva preocupação com a escrita, estando muitas vezes, o insucesso escolar avaliado dando maior ênfase no desenvolvimento do aluno em sua produção escrita. Acreditamos que a leitura pode ser construída independente da escrita. O que buscamos é fazer com que os alunos entrem como denominou Jolibert e Sraiki, 2008, na cultura do escrito através da vida e dos textos em situação e não através dos exercícios das palavras fora de contexto ou das letras. A criança entra nessa cultura escrita a partir de um processo que é formado por estágios. Segundo Luria, 1.929, a história da escrita começa muito antes da escola e, para estudar esse processo, além de observar os estágios pelos quais a criança passa, é imprescindível atentar-se para os fatores que a tornam capaz de escrever. Partindo dessa premissa, as atividades de escrita representam a crença.

Como afirmou Kato, 1.999 de que:

(...) o ato de escrever exige menos automatização e mais reflexão metalinguística, pois, na verdade, uma vez iniciado o processo de aquisição da leitura e da escrita, parece haver uma interferência recíproca, de forma que, quanto mais se lê, melhor se escreve melhor se lê (KATO, 1.999, p. 8).

De acordo com a compreensão que se tem atualmente acerca do processo de ensino-aprendizagem, é possível afirmar que a reprovação não resolve o problema dos alunos, com atrasos no processo de aprendizagem de leitura e escrita, principalmente quando se trata de alunos com dificuldades de natureza cognitiva. Mas entende-se que devem ser desenvolvidas estratégias educativas especiais que possibilitem a esses alunos avançarem de acordo com seu ritmo de aprendizagem, respeitando assim o processo individual numa perspectiva de educação inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura e a escrita constituem conhecimentos dos mais importantes ao ser humano, uma vez que é ao mesmo tempo disciplina a ser aprendida e instrumento para a aprendizagem dos mais variados campos da ciência.

A necessidade de aprender a ler e a escrever, no entanto, vai mais além, pois faz parte da cidadania, é direito de todo ser humano, quer seja para dar continuidade aos seus estudos, para articular conteúdos culturais, para melhor se expressar, se divertir entre outras funções.

Assim, a leitura é importante para a formação de jovens mais críticos e é na escola que o hábito de ler deve ser desenvolvido. O hábito de leitura é fator preponderante no processo

de interpretação de textos. A partir dela o indivíduo pode buscar de forma mais consciente a compreensão e interação na realidade social.

O papel de ensinar o aluno a ler, gostar dos livros, fazer das letras e palavras um fascínio. Quanto maior e mais rica for a experiência de leitura proporcionada ao educando, maior será sua capacidade mental e maior será seu interesse pela leitura, pois ler implica a memória e a visão de mundo.

Algumas práticas docentes ainda estão pautadas numa pedagogia ultrapassada, de ensino pelo medo, ensino apenas para dar conta de avaliações externas em detrimento de uma pedagogia que respeite o aluno como cidadão pleno, desenvolvendo atitudes dos ideais de uma educação libertadora, a fim de tornar o aluno um cidadão esclarecido e consciente de sua participação no processo de mudança da sociedade em que se vive.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português. Encontro e interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: MEC, SEF, 1997.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 1998.

_____, Paulo. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. 23ª Ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GERALDI, J. W. (org.) **O texto em sala de aula.** 3. Ed. São Paulo: Pontes, 1997.

JOLIBERT, Josette. **Além dos Muros da Escola: a escrita como ponte entre alunos e comunicação.** Trad. Ana Maria Netto Machado, Porto Alegre: Artmed, 2006.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática.** Campinas, São Paulo: Pontes, 1996.

_____, Ângela. **Oficina de Leitura: Teoria e Prática.** 8ª Ed. Campinas: Pontes, 2001.

NEVES, Iara C.B. et ali. (Orgs.) **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas.** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas.** 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura.** Trad. Cláudia Schiling, 6ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VEIGA, José J. **Para gostar de ler.** Vol.8. São Paulo: Ática, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de. Leitura do professor, **leitura do aluno: processos de formação continuada**. UNESP – Presidente Prudente. Disponível em: <[httpwww.unesp.br](http://www.unesp.br)>. Acesso em 07 de agosto de 2016.